

«Uma estreia de roer as unhas... A descrição de um pós-terramoto é assustadoramente realista. Chocante e emocionante, este livro deixa marca.»

Publishers Weekly

Emma
Pattee
Tremor

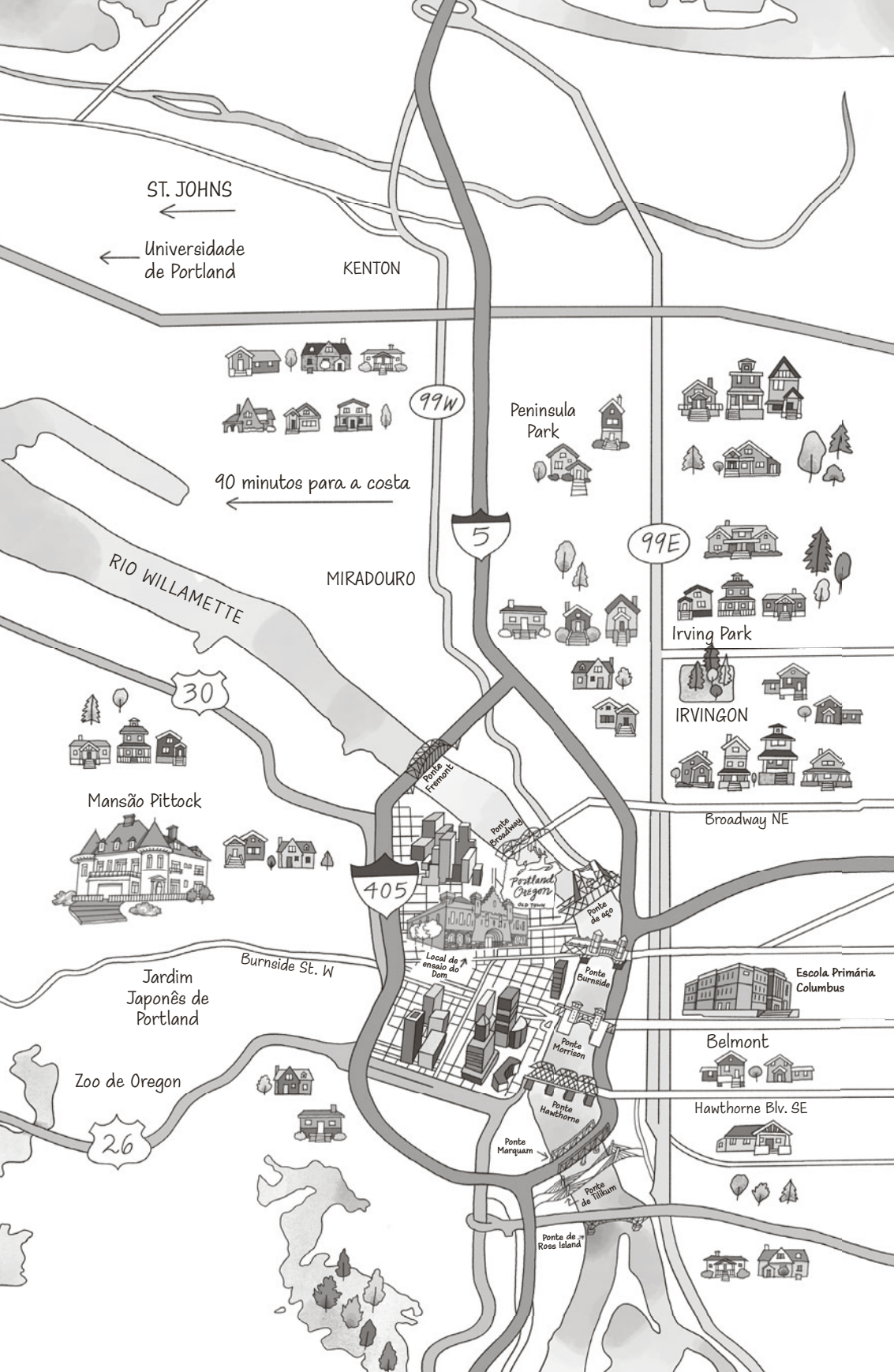


TOP
SEL
LER

«MELHOR ROMANCE DE 2025»

Time • Vogue • NPR

Para Sarah e Stuart



ST. JOHNS

Universidade de Portland

KENTON



90 minutos para a costa

RIO WILLAMETTE

MIRADOURO

99W

5

Peninsula Park

99E



Irving Park

IRVINGTON



Broadway NE

30



Mansão Pittock



Jardim Japonês de Portland

Burnside St. W

Zoo de Oregon

26

405

Ponte Fremont

Ponte Broadway

Portland, Oregon

Ponte de aço

Local de ensaio do Dom

Ponte Burnside

Ponte Morrison

Ponte Hawthorne

Ponte Marquam

Ponte de Tilikum

Ponte de Ross Island



Escola Primária Columbus

Belmont



Hawthorne Blv. SE



RIO COLUMBIA

WASHINGTON
OREGON

ILHA GOVERNMENT

Aeroporto
Internacional
de Portland

Campo
de Golfe de
Colwood



30B

PORTLAND NORDESTE

CULLY

Wilshire Park

Café
do Dom

Freemont St. NE

Maywood Park

ÁREA
NATURAL
DE ROCKY
BUTTE

BEAUMONT
WILSHIRE

Passagem superior de Sandy Blvd.

84

MONTAVILLA



Burnside St.

Mount Tabor Park

82nd AVENUE NE



SUNNYSIDE

Mercearia

Main St. SE
40th St.

Hawthorne



Apartamento
de Annie e Dom

DIVISION ST. SE

90 minutos
para Mount Hood

26

205

FIM DA MANHÃ

IKEA, Portland, NE

Aqui estamos nós, grávidos de 37 semanas, no IKEA.

Imagina-me, Feijãozinho, caso sejas capaz de imaginar alguma coisa aí dentro. A minha barriga distendeu-se, parece um dirigível a sair de esguelha do meu corpo. Caminho com pequenos movimentos rígidos e sacudidos, como uma cegonha. Agarro-me ao corrimão das escadas. De poucos em poucos minutos, tenho de apoiar o fundo das costas com as mãos, para impedir que a minha coluna se quebre em duas.

Tenho uma aparência tão perturbadora que ponho os outros clientes nervosos; observam-me de esguelha, para ver o que farei a seguir. Param-me para me dizer coisas como *Aposto que está preparada para despachar isso* ou *Parece prestes a rebentar!*

E o IKEA. Num dia de semana. Santo Deus. Só mais uma coisa que me recorda de que sou oficialmente uma pessoa sem importância. Só os velhotes, e os estudantes universitários e os empregados de bar compram mobília numa segunda-feira. E, claro, as outras senhoras grávidas. Cirandando na secção dos berços como jacarés esfomeados.

Estou a usar um macacão de linho lilás e *Birkenstocks*. O género de coisa que via as mulheres grávidas vestirem no Instagram e pensava: *Só por cima do meu cadáver*. O género de indumentária que MITIGA a aparência, que diz: *Já não me interessa o sexo. Agora sou uma mãe. Por favor, falem-me apenas em tons agudos*. Mas, afinal, Feijãozinho, as roupas de maternidade são tão caras como as roupas verdadeiras. E ainda não pagámos a conta que a clínica enviou pela última ecografia. Então, agora, uso qualquer peça de

roupa de grávida descartada que consiga encontrar no *Buy Nothing* ou na loja de segunda mão. Hoje: o macacão lilás.

Estou na secção de criança pelo menos há uma hora, a tentar decidir entre os diferentes colchões para berços, porque é claro que um berço não vem com colchão, onde é que eu tinha a cabeça? Pensava que ias dormir diretamente na madeira? Por isso agora estou a pesquisar no Google a diferença entre um colchão de molas e um colchão de espuma e este informa-me de que pode valer a pena gastar mais dinheiro num colchão de berço orgânico, porque as toxinas causam cancro, e se comprar um colchão de espuma devo certificar-me de que é feito sem poliuretano, mas é claro que o IKEA não especifica no seu *website* com que género de espuma são feitos os seus colchões de berço, ou se o faz não estou a encontrar, e estou à procura de alguém de *T-shirt* amarela para me ajudar, mas desapareceram todos.

Eu e o teu pai dormimos num colchão que arranjámos na *Craigslist*, um colchão que arrastámos juntos pelo patamar sujo de um prédio sujo no norte de Portland, depois de darmos 80 dólares em dinheiro a um gajo sinistro. «Cama de rainha para a minha rainha», disse o teu pai quando finalmente conseguimos espreme-lo na parte de trás do nosso carro.

Não é só o nosso colchão que é uma porcaria, Feijãozinho. É tudo. O teu pai, Dom, tem 38 anos e ainda anda atrás daquele grande papel. Ainda espera em filas por uma audição. Ainda envia as suas fotografias tipo passe para os agentes. Ainda aproveita turnos no café em que trabalha desde que nos conhecemos. A tua mãe — Annie, aqui presente — julgou estar destinada a ser o próximo Tennessee Williams, o Becket do milénio, desperdiçando horas a treinar aquela grande e larga vénia que faria sob aquelas grandes luzes da Broadway, e tem agora 35 anos e passa os dias a olhar para folhas de cálculo num ecrã de computador no vigésimo segundo andar de um edifício de vidro, premindo teclas com os dedos. Da última vez que verifiquei, eu e o teu pai tínhamos 836 dólares numa conta à ordem no Wells Fargo, um *Subaru* com mais de 250 mil quilómetros, e um apartamento de

duas assoalhadas em Mount Tabor que só podemos pagar porque o senhorio se sente demasiado culpado para aumentar a renda ou para nos pôr na rua. E aqui estou eu, no IKEA, grávida de 37 semanas. Numa segunda-feira. Com um cartão de crédito que provavelmente morrerei antes de pagar.

O que estou a tentar dizer é que nada, mesmo nada no primeiro ano da tua vida, será parecido com os anos que virão depois, por isso desfruta do teu colchão livre de toxinas enquanto podes.

Decido-me pelo berço mais caro. É uma regra do universo, Feijãozinho: a opção mais cara é sempre a melhor aposta. Estou a estender a mão para um lençol de berço salpicado de pinguins de género neutro quando um menino a correr dobra a esquina do corredor e esbarra contra a minha barriga.

— Spencer! — silva a mãe, dizendo depois para mim: — Peço muita desculpa. — Os olhos dela são parados e negros e não acompanham os movimentos da boca. O menino desvia a franja dos olhos e fita a minha barriga como se estivesse a fazer contacto visual contigo. Não parece nada arrependido. — Spencer — diz a mãe outra vez, ríspida e danada. Mas este miúdo é peculiar, totalmente desorientado. Estende a mão pequenina a pousa-a na minha barriga.

— Está aqui um bebé — diz o Spencer daquela forma profunda com que os miúdos dizem merdas. Agora a mãe está a agarrá-lo e puxa-o para o lado como se ele fosse um lençol numa corda de roupa. *Desculpe*, diz, apenas mexendo os lábios. Como se o sentimento de culpa fosse um segredo que nós, mães, partilhamos.

O seu filho é um cromo, tenho vontade de lhe dizer. Mas forço-me a sorrir e abano a cabeça, como se não fizesse mal, como se eu adorasse o pequeno Spencer porque estou claramente PRES-TES A SER MÃE por isso devo GOSTAR DE CRIANÇAS. Quer dizer, sei lá! Talvez tu também sejas um grande cromo e eu tenha de correr atrás de ti pelas lojas com os olhos escuros e cansados, a dizer só com os lábios *peço muita desculpa, peço muita desculpa* a toda a gente que vemos.

E depois, é claro que o berço não está lá. CORREDOR 8, PRATELEIRA 31. Uma prateleira vazia. Nenhum berço. Por isso agora estou no apoio ao cliente, a argumentar com a desinteressada rapariga da *T-shirt* amarela, que não pára de me dizer que ainda há três berços em *stock*.

— A prateleira está vazia — digo.

— Tem a certeza de que estava na 31?

Assinto com a cabeça.

— Verifiquei duas vezes.

— Corredor 8? — Ela olha-me como se eu fosse a sexta pessoa mais estúpida que já encontrou. Tem o cabelo cortado muito curto de um lado, tão loiro que é branco; do outro lado, tem a cabeça rapada. Não pára de tamborilar no balcão com as longas unhas de acrílico pintadas num padrão de chita cor-de-rosa.

— Corredor 8.

— O sistema diz que tem de haver três. Já devem estar no carrinho de alguém. — Encolhe os ombros e vira-se para trás, dispensando-me. Nas costas da *T-shirt* amarela está escrito *Hej!* em grandes letras azuis.

Claro. Claro que o teu berço já está no carrinho de alguém. A única vez em que sou capaz de tomar uma decisão, a única vez em que consigo realmente organizar-me para fazer O QUE ESTÁ CERTO, em que conduzo até aqui e me iço escada acima, escada abaixo, e agora quando o teu pai chegar a casa do café não haverá um berço acabado de montar no teu quarto, só um quarto vazio.

— Quando é que recebem mais?

— Pode levar semanas — diz a rapariga. — Vêm, tipo, da China. — Como se eu não soubesse. Como se eu pensasse que um sueco igualitarista de meia-idade estava sentado na sua oficina a lixar a merda do meu berço.

— Não tenho semanas. — Este é o momento em que devia assentir com a cabeça, dizer obrigada e ir-me embora. Eu sei. Não sou estúpida.

— É por isso que recomendamos comprar berços e outros móveis para os quartos das crianças o mais cedo possível, para

evitar estas questões de *stock*. — A sua base é espessa e ligeiramente alaranjada, e quando olho mais de perto vejo as linhas da esponja marcadas suavemente nas suas bochechas.

Oh, por favor. Como se eu tivesse passado os últimos oito meses deitada a comer *croissants* e a pensar em nomes de bebés.

— Temos outros modelos de berço em *stock*. — Juro por Deus que ela me sorri com escárnio. Que idade terá? 22?

— Não há alguém a quem possa telefonar? Um gerente com quem eu possa falar? Que possa verificar mais uma vez? — Preciso daquele berço. Tens de ter aquele berço.

Ela suspira pesadamente.

— OK, hum, e se eu for dar mais uma olhadela? — diz ela. — Por via das dúvidas.

— É o de faia... — Pouso as palmas das mãos suadas sobre a beira do balcão. Se não me agarrar com força, posso deslizar e cair ao chão. E nunca mais me levantar.

— Eu sei qual é.

— Com as grades.

— Sim, estou familiarizada — diz ela, toda ríspida. — Espere aqui. — Vai-se embora, deixando-me ali de pé, suada, encostada ao balcão do apoio ao cliente. *Sem pressa nenhuma*, apetece-me gritar para as suas costas amarelas.

ESPERE, assim começam todos os conselhos que as pessoas dão a uma mulher grávida.

Está cansada agora? Espere.

Está ansiosa e assustada agora? Espere.

Acha que já sentiu amor? Espere.

Como se houvesse outra opção.

Agora estás a bater em mim como se eu fosse um tambor, e a minha fome são pequenas facas a golpear-me. Estou esfomeada, e não por uma comida qualquer, mas por um bolinho de canela de um dólar e meio do IKEA. Assim que comprar o teu berço, vou recompensar-me com um. Ou talvez quatro. Aquela crosta falsa e espessa de açúcar. Nem sequer vou esperar até chegar a casa; sento-me no carro e como os quatro. Lambendo a cobertura dos dedos.

Os meus pés começam a latejar, o que é sempre um mau sinal. No mês passado, os meus pés incharam. Lentamente, noite após noite, foram ficando mais redondos. Alarguei as tiras das minhas *Birkenstocks*, e agora já não alargam mais, e os meus pés ainda transbordam das tiras como pudim.

Porque é que vim aqui, Feijãozinho? A minha mãe disse-me que, quando eu era bebé, me punha a dormir num cesto da roupa de plástico ao lado dela na cama. Ela passava os dedos pelas janelinhas e eu segurava-os.

De repente estou tão cansada. E sozinha. Quero estar em casa.

Em casa, onde abrirei a porta do frigorífico e tudo me enjoará, onde fecharei a porta do frigorífico e verei uma lista escrita no verso de um envelope rasgado que diz ANTES DO BEBÉ e ainda nada foi riscado. Onde irei deitar-me no sofá e serei incapaz de dormir e acabarei a ver *reality shows* por horas, onde passarei pelo quarto de hóspedes que deveria ser o teu quarto, mas é apenas um quarto vazio com uma cadeirinha de carro ainda dentro da caixa.

Pego no telemóvel para enviar uma mensagem ao teu pai, mas não consigo pensar no que dizer.

Não falamos desde a noite passada, desde a discussão.

A discussão foi acerca de quê?

De tudo, Feijãozinho. E de nada.

Porque todas as discussões são acerca de nada no grande esquema das coisas, mas também no grande esquema das coisas, quando considerado no seu todo, contam uma história mais ampla. Como se cada discussão fosse uma estrela no céu, e agora que estou com o teu pai há cerca de uma década posso olhar para a constelação de todas as nossas discussões e ver ali uma forma, clara como o dia. Que forma, Feijãozinho? Não sei. Não quero saber. Limito-me a desviar o olhar.

Mas adiante. A nossa discussão: o teu pai recebeu uma oferta de última hora para um papel de substituição numa peça, e queria faltar ao trabalho hoje para ir ao ensaio. E eu disse-lhe para o recusar, para ir antes trabalhar. Porque precisamos do dinheiro.

E agora ele provavelmente está atrás do balcão no café onde trabalha. A desejar estar no ensaio. A desejar estar em Los Angeles. A desejar ser famoso. A desejar ter outra vez 22 anos, com a vida toda a estender-se à sua frente.

Mas, talvez, quando ele chegar a casa e vir o berço novo e montado no canto do quartinho, goste disso. A menos que eu esteja demasiado cansada para o montar quando chegar a casa, o que agora me parece muito provável, caso em que tentarei arrastá-lo para dentro de casa e deslizá-lo pelo corredor e encostá-lo à parede, ou, mais provável ainda, estará no carro quando ele chegar a casa e eu estarei deitada no sofá com os pés para cima, e ele vai ficar chateado por eu ter feito isto sozinha, por ter EXAGERADO, como se não devesse fazê-lo, e por nem sequer ter falado com ele, nem sequer ter tido em consideração as suas preferências quanto a berços. Ele estará na sala a olhar para mim no sofá e dirá: *A sério? Sem mim?*

Bem, merda.

Balanceio-me para trás e para a frente, ora num pé, ora noutro.

E depois avisto a rapariga da *T-shirt* amarela. Do outro lado do armazém. Está a falar com uma velhota que segura um vaso de flores artificiais. Esqueceu-se completamente de mim, de ti e do nosso berço.

Está a brincar comigo? Com as unhas de plástico e a sinistra meia cabeça de cabelo branco. E eu aqui à espera, toda gorda e mole, como um balão deixado para trás numa festa de aniversário. Sinto a garganta começar a inchar, a boca a latejar. Imagino-me a arrancar-lhe o estúpido cabelo madeixa a madeixa. Agora tenho os olhos a arder. Mordo o lábio para fazer isto parar, mas piora. Se ficar aqui mais um minuto, vou desatar a chorar e nada é mais patético do que uma grávida a chorar.

Respira fundo, diz-me a minha mãe na minha cabeça, mas é demasiado tarde para respirar. Estou mesmo atrás da rapariga e a *T-shirt* dela grita-me. *Hej!*

— Onde. Está. O. Meu. Berço? — A minha voz quase não soa como a minha voz. Um silvo.

A rapariga olha para trás, surpreendida. A velhota abraça mais as plantas.

— Hum? — As sobrancelhas da rapariga são linhas a lápis imóveis na sua testa.

— O meu berço, lembra-se?

Percebo o momento em que a rapariga se lembra de mim — os seus olhos estreitam-se e ela levanta um único dedo com padrão de chita.

— Já vou ter consigo. Por favor, acalme-se. — Vira-me as costas.

Acalme-se. As palavras menos calmantes de sempre.

A minha cara está quente e os olhos latejam. Vejo a minha mão na manga amarela da rapariga, a puxar. Porque é que a minha mão está ali? Ela começa a tentar soltar-se de mim e puxo com mais força. Depois ouço o som de um rasgão.

Oh, merda.

Ficamos ali as três, imóveis. Acabei de lhe rasgar a *T-shirt*?

A rapariga baixa o olhar para a manga. Há um pequeno rasgão na costura do ombro, e ela inspeciona-o e espeta uma unha com-prida lá para dentro.

— Caramba, minha senhora — diz ela, mas há algo na sua expressão que parece satisfeito.

— Quero o meu berço. — Agora já fui demasiado longe para voltar atrás.

— Já falo consigo — diz ela com um sorriso falso, batendo as pestanas compridas para mim. A raiva sufoca-me. Esta puta trata-me como se eu não fosse nada, como se eu não fosse ninguém. Como se agora, que estou grávida, fosse só a porcaria de uma anedota que vai esperar e esperar para sempre. Mas estou farta de esperar e inclino-me para ver o nome dela no crachá.

— Gostaria de falar com o seu gerente.

Ela arregala os olhos. Pois, é assim. Vai a sorrir com escárnio todo o caminho para casa depois de eu fazer com que te despeçam.

— Está a falar a sério? — pergunta. — Ia agora mesmo verificar o meu berço.

Faço um *ah* seco.

— Vamos lá, então. — Chama-me com um gesto. — Por aqui.

Atrás de nós, a senhora da planta ainda abana a cabeça e bufa para si mesma.

A rapariga caminha depressa de propósito; tenho de me esforçar para a acompanhar. Consigo sentir a pele da barriga a distender, as minhas ancas a moer como engrenagens numa máquina. Consigo ver que ela está à espera de que eu diga alguma coisa, que tente aligeirar a situação. E, Feijãozinho, sei que devia pedir desculpa. Sei que levei isto demasiado longe, mas não posso pedir desculpa agora. Assim que começar a arrepender-me, nunca mais conseguirei parar.

Descemos o CORREDOR 8 e vamos até à PRATELEIRA 31.

E, então, claro que ali estão eles, os berços. Os três. Feijãozinho, juro por Deus que esta prateleira estava vazia há 20 minutos.

— Que coincidência — diz a rapariga, praticamente a ronronar. Passa enfaticamente a unha sob o nome do produto. — Sim, é este. É o que procurava. — Pega num carrinho vazio que alguém deixou no corredor e coloca-o com alguma agressividade junto da prateleira. — Precisa de ajuda para o carregar?

Abano a cabeça. Toda a capacidade de luta me abandonou, de repente. Estou tão pesada e cansada e sozinha. Nunca devia ter vindo aqui, devia ter encomendado um berço na Amazon e ficado em casa. Pouso a minha mala no carrinho e começo a arrastar o berço para fora da prateleira. Mal consigo pôr os braços em volta da caixa.

— De certeza que não precisa de ajuda? — A rapariga ainda está ali parada, a observar-me. A fingir que se importa.

— Eu consigo. — Dou um puxão forte à caixa e esta bate-me na barriga.

— Só estou a tentar ajudar. — Ela levanta as mãos diante de si, como se eu tivesse uma arma.

— Eu consigo. — As tiras das minhas sandálias cravam-se tão fundo nos meus pés que juro sentir a carne a rasgar.

— OK, pronto — diz ela, estendendo a mão para a parte da caixa que está suspensa a meio da prateleira. As suas unhas ridículas raspam o cartão.

— Deixe estar — grito num sussurro. — Não é preciso!

Começo a balançar a caixa violentamente para trás e para a frente, puxando-a para o carrinho. Tão suada e inchada. Não consigo respirar neste edifício, debaixo de todas estas luzes brilhantes. Um canto afiado do berço está sempre a bater-te, a bater na minha barriga, mas não posso parar agora, não tenho tempo para ser cuidadosa, preciso de ir para casa, preciso de acabar isto tudo com...

E de repente, um abanão.

Por uma fração de segundo, há movimento de ambos os lados da minha pele. Tu, lá dentro, dando-me o mais poderoso pontapé e, por fora, tudo a mexer-se. Logo a seguir, pára.

Baixo os olhos para a barriga. Que foi isto?

A rapariga da *T-shirt* amarela parece assustada.

— ... que raio? — diz ela.

Ao fundo do corredor, no centro do armazém, as pessoas estão paradas atrás dos carrinhos. Um homem deixa cair um tapete enrolado e corre para a saída. Vejo um casal de idosos deter-se e olhar para o teto. Um medo animal viaja de corpo para corpo, de célula para célula. Sustemos todos a respiração ao mesmo tempo.

Depois, o tremor começa.

17 ANOS ANTES

Como é que chegámos aqui, Feijãozinho? Tu e eu no IKEA, segunda-feira de manhã, CORREDOR 8, PRATELEIRA 31, a mão na estante de metal, os olhos esbugalhados de medo, o corpo tenso como um foguete prestes a explodir?

Acho que temos de começar por esta manhã, quando acordei ao lado do teu pai e doíam-me as costas e doíam-me as ancas e pensei *Oh, merda, estou atrasada para o trabalho*, e depois percebi que não tinha de ir trabalhar. Que hoje era o primeiro dia da minha licença de maternidade.

Ou talvez antes disso, talvez no ano passado, quando eu e o teu pai decidimos — se é que «decidir» é sequer o verbo correto para uma tão vaga hesitação, a nossa especialidade, como virás a perceber, um género de tatear passivo na idade adulta — ter um filho. Ou talvez antes disso, anos antes, quando a minha mãe foi para a cama com gripe e nunca mais acordou, ou ainda antes disso, quando eu tinha vinte e poucos anos e uma peça que escrevera estava a ser produzida e era o primeiro dia de ensaios e havia um homem de pé no palco e esse homem era o teu pai. Talvez antes disso, sou uma caloiria na NYU e estou na esquina da rua ao telefone com a minha mãe e tento explicar-lhe que a escola de arte não é o que eu pensava, que seja qual for a forma humana para que é concebida, eu não fui talhada com essa forma em particular.

Sim, começemos por aí. É novembro de 2008, tenho 18 anos. São oito ou nove da noite, mais cedo na Costa Oeste, e a minha mãe vai de carro para casa depois de sair do trabalho como encarregada

de limpezas num hotel DoubleTree. Estou no passeio, à chuva, com as tristes botas sem marca que a mãe me comprou no Walmart sem perceber que não tinham hipótese no inverno de Nova Iorque. Na entrada atrás de mim, dorme um corpo numa pilha de cobertores. O telemóvel está tão frio de encontro à minha orelha que tenho de estar sempre a afastá-lo e a encostá-lo novamente. A bateria tem apenas 12 por cento, mas não me importo — esperei todo o dia por este telefonema.

A minha mãe explica-me que não tem dinheiro para me comprar um bilhete de avião para eu ir a casa na Ação de Graças. E eu estou a explico-lhe que sim, compreendo que o dinheiro é curto, compreendo que cada *penny* que ela tinha foi para as minhas propinas, mas se não puder ir a casa na Ação de Graças, deslizarei para um buraco negro de solidão do qual poderei nunca mais escapar.

— Deve haver outros miúdos que ficam na escola durante as férias — diz ela. E como é que eu explico à minha mãe que os miúdos da minha escola são tão ricos, tão excruciantemente educados, que olham para mim como se fosse um coioote vindo do interior. A minha mãe cresceu em Pendleton, Oregon. Os pais dela geriam uma pista de *bowling*. A minha mãe nunca esteve em Nova Iorque. A minha mãe acha que sou a pessoa de 18 anos mais talentosa do país. Acha que vou ser o próximo Shakespeare, não por ter lido alguma coisa de Shakespeare, mas porque não conhece mais nenhum dramaturgo. Como é que digo à minha mãe que no outro dia no Laboratório de Teatro 101 fiquei sentada ao lado de um miúdo que já escreveu e produziu uma curta-metragem que «chegou ao circuito dos festivais»? Como é que digo isto à minha mãe?

— Mãe. — Agora estou a chorar, a minha respiração a fazer pequenos tufos no ar de Nova Iorque.

— Estarás em casa pelo Natal, em menos de um mês.

É difícil fazer sair as palavras.

— Acho que não aguento tanto tempo. — A chuva fratura os faróis dos táxis amarelos que passam velozmente, atirando água

para o passeio. Duas raparigas que partilham um guarda-chuva saltam ao mesmo tempo para trás, a rir. Aninho-me na penumbra, encostada ao edifício. Limpo as lágrimas com dedos gelados.

— Annie — diz a minha mãe. — Annie. — Ouço-a girar as chaves na porta do seu apartamento e atirar a mala e o casaco para o sofá. — Então, querida. — Ela acha que tenho apenas saudades de casa. Acha que é só por estar num sítio novo. E é. Mas não são só as saudades de casa que estão a pôr-me doente, é estar em Nova Iorque. É a forma como os miúdos já conhecem tudo — todas as linhas de metro, todos os espetáculos — como uma língua que eu não compreendo. Elise, a minha colega de quarto, cobriu a sua parte do quarto com cartazes de peças de que eu nem ouvi falar. Disse-me que a sua resolução de Ano Novo era comer em todos os restaurantes de Nova Iorque com estrelas Michelin, e eu pensei que falava da loja de pneus.

— Mãe — digo. — Tenho de te dizer uma coisa. — Estou a chorar com mais força. Tenho ranho congelado na cara. O telemóvel desliza-me nas faces molhadas. Todo o meu corpo está em sofrimento. Não era assim que imaginava esta chamada.

— Mãe?

— Estou aqui.

Respiro fundo.

— Quero desistir.

Silêncio.

Começo a explicar que isto foi um erro, tudo isto foi um erro terrível, demasiado caro, e afinal ninguém consegue ganhar dinheiro no teatro, especialmente como dramaturgo, e além disso há muitas oportunidades em Portland para escrever peças, talvez até possa levar a minha própria peça à cena, angariar fundos, contratar um encenador, tudo.

— Mãe? — Imagino-a de pé na cozinha, uma mão a segurar no telemóvel, a outra a premir a testa. A porta do frigorífico está aberta e a fria luz azul não favorece nada a minha mãe, parece cansada; exausta. — Mãe? — repito.

— Está bem — diz ela. — Está bem.

Tento agradecer-lhe, mas estou a chorar compulsivamente, e depois ela diz:

— Compro-te um bilhete para casa, mas mais nada, Annie. Depois disso, acabou-se o dinheiro.

E eu estou tão assustada e tão aliviada e tão doente de vergonha que apenas fico ali, a assentir com a cabeça naquela esquina em East Village, e não percebo que não disse nada em resposta até ela voltar a falar.

— Estás a ouvir-me, Annie? Ouves o que te digo?

Dou à Elise o meu candeeiro de secretária e o meu cobertor elétrico, mando *e-mails* aos professores a explicar que devido a CIRCUNSTÂNCIAS IMPREVISTAS inteiramente FORA DO MEU CONTROLO não continuarei a frequentar o bacharelato em escrita para teatro na Universidade de Nova Iorque.

No voo para casa escrevo a primeira cena do que acaba por ser a minha primeira peça — a minha única peça, mas na altura não o sei —, que sai de mim como um sonho febril, apenas palavra após palavra, qualquer músculo criativo que tivesse estado enrolado dentro de mim durante todos aqueles meses solitários em Nova Iorque agora libertado, agora completamente alongado.

— É o destino — digo à minha mãe quando vamos do aeroporto para casa. — Acho que fiz mesmo a escolha certa. — É uma noite chuvosa em Portland, e ela fita a estrada à sua frente, mas pousa a mão na minha perna e aperta uma vez, duas, e sei que está feliz por eu estar em casa.

Ao princípio é mesmo o destino. Arranjo um emprego como relações públicas num restaurante em Pearl e passo o ano seguinte a escrever e reescrever a minha peça, horas no café todas as manhãs, e depois, no ano em que faço 20, submeto a peça a um concurso local. Alguns meses depois, a caminho do trabalho, num engarrafamento na ponte de Fremont, recebo uma chamada da diretora artística de uma companhia de teatro local. A minha peça venceu o concurso e vai ser encenada. *Tanto potencial, diz ela. Tem realmente um futuro brilhante.*

Na noite de estreia, a minha mãe leva-me a jantar ao restaurante que fica no último andar do Big Pink e pedimos ostras.

— Isto é só o princípio — digo-lhe. Se tivesse ficado em Nova Iorque ainda nem teria acabado o curso.

— Oh, querida, na minha cabeça não há qualquer dúvida — diz ela. E, Feijãozinho, ainda consigo ver o seu rosto exatamente como estava à luz das velas daquele restaurante elegante.

Mas não é o princípio; é o fim. Vem na minha direção em câmara lenta, por isso não consigo distinguir a sua forma.

Depois do fim das representações da peça, continuo a escrever. Claro que sim. Cadernos cheios de ideias. Cadernos cheios de cenas de abertura. Mas também estou a pagar a renda — 780 dólares por um estúdio à saída de Belmont — e preciso de seguro de saúde, por isso saio do emprego no restaurante e emprego-me como assistente numa das novas empresas tecnológicas que acabaram de aterrar em Portland. Escreverei depois do trabalho e aos fins de semana. É o que digo a mim mesma. E, claro, ponho o despertador para as cinco da manhã uma ou duas vezes. Mas quem é que tem boas ideias às cinco da manhã? É como se a vida fosse este rio poderoso de lavar roupa e comprar mercearias e conduzir para o trabalho e ver coisas no telemóvel, e os fins de semana são tão curtos.

Nesta altura, eu e o teu pai estamos apaixonados e a passar cada minuto juntos. E ele arranja um grande papel numa produção de *Ghostbusters*, e de duas em duas semanas eu faço um café e sento-me à mesa da cozinha e folheio todos os meus cadernos com todas as minhas ideias para peças e faço círculos em volta de algumas e escrevo algumas notas e desenho um par de pontos de interrogação.

Passa um ano. E depois outro. Tenho um aumento e depois uma promoção, e toda a gente fala sem parar acerca de aquisições e opções de ações, e quando alguém te oferece mais dinheiro, tu dizes que sim. É esta a regra divina do mundo, Feijãozinho, deves saber isto. Dizes sempre que sim.

O teu pai arranja um papel de verão num teatro no sul do Oregon, o que significa que passo o verão a conduzir de um lado

para o outro aos fins de semana, contando os dias até voltar a vê-lo. E quando a temporada acaba e ele volta para Portland, não tem onde viver por isso decidimos viver juntos. Arranjamos um apartamento com dois quartos cujas traseiras dão para Mount Tabor Park. Mal conseguimos pagá-lo, mas isso nunca nos deteve. Eu levo algumas caixas para o armazém da minha mãe e, de alguma forma, os meus cadernos com todas as ideias para a minha próxima peça acabam nessas caixas, e digo sempre a mim própria que hei de tirar uma tarde e ir lá buscá-los, mas nunca o faço.

Aos 27 anos, sou gerente do escritório de uma grande e vistosa empresa tecnológica, recebendo 54 mil dólares por ano. A maior quantia em dinheiro que alguma vez poderia imaginar. O teu pai recebe uma chamada de um agente de Hollywood que diz fazê-lo viajar para Los Angeles. Mas depois nada. É demasiado baixo, demasiado branco, demasiado macho, demasiado jovem e depois demasiado velho. Continua a ir a audições. Continua a trabalhar no mesmo café no nordeste de Portland.

Talvez compremos uma casa, dizemos eu e o teu pai a nós próprios. Mas estamos em 2017. É o auge de *Portlandia*. O nosso apartamento de dois quartos passa de 1100 para 1600 dólares de um dia para o outro. Qualquer casa que pudéssemos comprar é arrebatada por pessoas que se mudam para aqui vindas de outras cidades ou por engenheiros informáticos com salários de 200 mil dólares. Bairros em que nem sequer sairíamos tornam-se repentinamente *cool* e inalcançáveis.

Aquele teatro *black box* moderno onde os nossos amigos costumavam apresentar espetáculos é fechado, transformado numa loja de comida artesanal. Os preços das casas sobem e depois voltam a subir. O jogo que fazíamos ao *brunch* — em que víamos os turistas passarem e tentávamos adivinhar se eram de Bay Area ou de Brooklyn — já não funciona: eles não são turistas. Agora vivem cá. São donos do sítio onde tomamos o *brunch*. Há engarrafamentos na autoestrada a toda a hora depois das duas da tarde. A minha viagem entre casa e o trabalho passa de 20 minutos para 30 e depois para 45. Até a Naked Bike Ride fica demasiado apinhada

e deixamos de ir no ano em que temos de levar as bicicletas à mão o caminho todo porque a rua está apinhada de braços e pernas luzidios.

E o calor. Os verões que costumavam ser de 21 graus quando eu era pequena agora são de 35 ou 40. Já não passamos os fins de semana de julho junto ao rio — ficamos em casa com as persianas fechadas, dormimos com as fronhas molhadas para nos mantermos frescos e passamos o tempo a enviar *e-mails* ao senhorio, a pedir ar condicionado. O fumo dos incêndios florestais escurece os céus semanas seguidas. Habituo-me a substituir o filtro do ar de poucos em poucos meses. Os nossos amigos do teatro mudam-se para sítios mais baratos: Iowa e Spokane e Birmingham e Kansas City. Fundam quintas de queijo de cabra. Têm filhos. Publicam os seus próprios livros de poesia contestatária em papel reciclado. Dizemos que havemos de os visitar, mas nunca acontece.

Depois, a minha mãe morre. Manda-me uma mensagem a dizer que está doente, que precisa de descansar. E nunca mais acorda.

Uma onda de sofrimento tão negra e forte arrasta-me para o mar, prende-me debaixo de água por um ano, dois anos, uma vida. Na altura em que regresso à praia, tenho 32 anos. E a esperança de ser uma dramaturga famosa desapareceu há muito, perdida no oceano.

Agora, conduzo o meu carro para a Baixa todos os dias, estaciono na garagem escura à saída de SW Yamhill, apanho o elevador para o vigésimo segundo andar. Passo os dias a enviar *e-mails* otimistas e a encomendar almoços para todos os engenheiros. A contar os minutos até poder surripiar mais *pretzels* cobertos de iogurte da mesa de *snacks*.

Que fazem todos estes engenheiros bem alimentados? O que é que a tua mãe passa os dias a fazer? Como é que eu te explico folhas de cálculo e quadros de tarefas? Como é que te explico um *software* de proteção de dados que facilita atualizações à distância, a partir da nuvem? A nuvem. O que é a nuvem? Feijãozinho, o problema é que não conseguiria explicar-te nem que tentasse.

O teu pai ainda trabalha no café, ainda passa as folgas em filas à espera de uma audição, de retrato na mão, mandando *e-mails* a realizadores com quem já trabalhou: *Devíamos pôr a conversa em dia. Devíamos tomar um café.*

Comemos *pizza* congelada, mudamos o filtro *Brita*, passamos horas no sofá a olhar para o Instagram enquanto vemos Netflix, vamos jogar trivial ao bar do bairro com outro casal do qual não gostamos muito, mas temos demasiada preguiça para cortar com eles. A doçura de ter um bar favorito, ou um sítio para o *brunch*, torna-se amarga depois de seis, sete anos. Vamos de férias — conduzimos pela 101 até Bandon ou vamos acampar em Crater Lake —, férias que são sempre muito mais excitantes de planear do que de viver. Férias que são verdadeiramente melhores do que podíamos pagar. As viagens que queremos fazer — percorrer o Camino, visitar The Globe em Londres, o cruzeiro à Antárctica —, sempre fora do nosso alcance.

É isto a vida? Aquilo que todos procuramos desde aquelas tardes depois da escola, quando víamos *Friends* na televisão e sonhá-vamos com o dia em que seríamos todos crescidos e tomaríamos café com amigos e passaríamos tempo juntos num sofá num apartamento. Por vezes, parece que eu e o teu pai não passámos apenas anos a fazer isto, mas uma eternidade. Uma quantidade infinita de tempo passada a descarregar a máquina da loiça e à espera na fila da mercearia.

Todas as coisas que íamos fazer: o grande papel desbravador do teu pai, o meu *one-woman-show*, mudarmo-nos para Los Angeles e ficarmos ricos e famosos e tornarmo-nos amigos das pessoas que estão a mudar o mundo — essas coisas brilham para nós de um cume de montanha distante. No ano que vem, de certeza. Ou no ano a seguir.

Cada ano é, de alguma forma, mais curto do que o outro.

**Annie está grávida de nove meses.
Foi comprar um berço ao IKEA.
É quando se dá o grande terramoto.
Agora, não há nada a fazer senão caminhar.**

Quando um sismo de enorme magnitude atinge Portland, no Oregon, Annie encontra-se grávida e sozinha numa grande superfície comercial. Sem forma de falar com o marido, sem telefone ou dinheiro, e com a cidade mergulhada no caos, nada lhe resta a não ser caminhar. Atravessando os destroços da cidade, Annie experiencia o desespero e a bondade humana: estranhos a oferecer ajuda, uma rebelião num supermercado, uma amizade improvável com uma jovem mãe... Enquanto caminha, Annie reflete sobre o seu casamento em dificuldades, a sua carreira dececionante e a ansiedade em ter um bebé. Se conseguir voltar para casa, está determinada a mudar de vida.

Passado ao longo de um único dia, *Tremor* é um romance vibrante de uma nova e poderosa voz literária, que acompanha a viagem de uma mulher por uma cidade transformada, carregando o peso do passado e a esperança fervorosa no futuro.

«Uma estreia fascinante, envolvente e emocionante...
De leitura compulsiva e repleta de humor mordaz.»

Booklist



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-212-9



9 789895 892129